

Quanto vale uma obra de arte? Quem o determina? Por que um ready-made pode ter valor no mercado? Antes, o que separa o artístico do não artístico? Quem o determina? Como se movimenta um *objet d'art*, já feito ou não? Como um urinol deixa um banheiro fétido por um museu impoluto? Como um objeto clássico feito um livro, ou um objeto volátil feito uma imagem, se desloca do seu lugar de conforto e toca nos corpos da gente e atua politicamente? A série de textos que apresentamos nesta edição lida de diferentes formas com os usos das artes do ver e do fazer, do viver e do obrar, da intervenção e da inação, assim como da experiência e da política, da tanatopolítica e da biopolítica, em suma, e inversamente, como as questões propostas nestes textos lidam com a cultura e a barbárie atuais.

Paula Glenadel (UFF) abre a série com um ensaio sobre a ideia de energia na poesia contemporânea francesa de Nathalie Quintane, com ênfase na performatividade da linguagem poética como força política. O ensaio seguinte, de Vinícius Honesko (UFPR), trabalha com o problema da rostidade nos filmes de Pasolini em sua dimensão ética e política, a partir de reflexões de Giorgio Agamben em que a condenação e a desesperança aparecem como linha de fuga à tragédia. Julian Brzozowski (UFSC), com “Da Filologia Cósmica”, reforça por sua vez a leitura crítico-política da dialética especulativa e da tradição mimética explorando a teoria gravitacional do físico holandês Erik Verlinde, com ênfase em um espaço por vir, sobre as bases do conceito de Real lacaniano e da inorganicidade da literatura segundo Georges Bataille.

Já Sérgio Bellei (UFMG), em “Valor literário depois da Teoria: Derrida, Agamben e os Escritores do Não”, propõe uma refutação da Teoria como demônio a partir de “textos exemplares” não apenas de Derrida e de Agamben mas igualmente dos pequenos diabos da literatura segundo Enrique Vila-Matas. Por uma teoria da moda em Machado de Assis, o ensaio seguinte, intitulado “Salão de poses”, de Victor da Rosa (UFSC), desenvolve a questão mais organicamente moderna – a da moda – com base numa crítica da mercadoria, numa “metafísica da aparência” e em tensão com certa crítica

machadiana brasileira. Através de “Teoria das cores” ou “Escadas e aparências”, entre outros textos do poeta português Herberto Helder, Geovanna Guimarães (UFPA) busca desdobrar o seu barroquismo em forma de poesia e pintura, através de seus usos, e de suas equivalências. Dobras, repetições e diferenças retornam em “Críticas a la originalidad del arte: usos de la repetición en la pintura de Pablo Siquier”, de Florencia Malbrán (NYU-Buenos Aires), contra a pureza e a originalidade nas artes, em nome da multiplicidade e da incerteza. Pensar sobre os usos contemporâneos das artes em Cildo Meirelles propõe, de sua parte, Victor Pena (UFMG) em “Deflagar o zero: observador e linguagem em *Inserções em Circuitos Ideológicos*”, obra em que o artista brasileiro enfoca o problema do espectador e de seu curto-circuito ideológico. Invocando outra artista contemporânea incontornável, a sérvia Marina Abramović, José Ricardo Goulart (UDESC) faz uma sondagem das formas da performance e do efêmero nas artes, entre experiência e mercado, através do conceito de *reperformance* cunhado pela artista ainda na antiga Iugoslávia, sob a ótica do rastro e da aura benjaminianas.

*Sobre fotografia* é o título de um livro célebre de Susan Sontag e sobre a fotografia se debruçam os dois ensaios finais desta edição da *outra travessia*. Guilherme Tosetto (ULisboa) reflete sobre a imagem fotográfica no museu e no mundo digital, a partir de seus cambiantes valores de culto e de uso. Já Francine Rojas e Edgar Nolasco (UFMS), em “A fotografia na tessitura do silêncio”, escrevem sua leitura de uma foto paradigmática para a literatura brasileira reunindo Clarice Lispector e Fernando Sabino, realizando a “narração de sua imagem” pela via dos conceitos de silêncio, sobrevida, rastro e *aesthesia*, em que a participação do crítico politiza a arte ao estetizá-la, sem qualquer possibilidade de oposição binária, nos tempos que correm, e retornam, e correm.

Sendo assim, perguntemos outra vez:

Quanto vale uma obra de arte? Quem o determina? Por que um ready-made pode ter valor no mercado? Antes, o que separa o artístico do não artístico? Quem o determina? Como se movimenta um *objet d'art*, já feito ou não? Como um urinol deixa um banheiro fétido por um museu impoluto? Como um objeto clássico feito um livro, ou um objeto volátil feito uma imagem, se desloca do seu lugar de conforto e toca nos corpos da gente e atua politicamente?

*Os editores*